

## A REPRESENTAÇÃO FÍLMICA DA PRÁTICA DOCENTE: ANÁLISE DA PELÍCULA MENTES PERIGOSAS

Eles Calheiros Marques Junior (1)  
Ana Luzia de Barros Andrade Marques (2)

(1) Universidade Federal de Alagoas – UFAL [elesjunior@hotmail.com](mailto:elesjunior@hotmail.com)  
(2) Secretaria de Educação de Alagoas – SEDUC/AL [analuzya@hotmail.com](mailto:analuzya@hotmail.com)

### Resumo

Este trabalho objetiva analisar a representação da prática docente operada no filme *Mentes Perigosas* (*Dangerous Minds*, 1995). Assim, tem-se o intuito de discutir alguns pontos-chave que oferecem subsídios à compreensão da representação do profissional docente, e também da dinâmica em sala de aula, que a película em questão traz como análise. A postura do docente, a relação professor-aluno, a metodologia de ensino-aprendizagem usada, o processo de avaliação, dentre outros tópicos, serão aqui abordados. Mas tal exercício não se presta apenas a constatar como o professor tem sido ou é representado no cinema. Não. O objetivo maior deste trabalho é vislumbrar as práticas, atitudes, técnicas e/ou comportamentos da personagem principal – a professora Louanne Johnson (interpretada pela atriz Michelle Pfeiffer) – que podem auxiliar a prática docente dos “professores reais”. Seria, assim, um exercício de separar o joio do trigo: identificar e distinguir os elementos que devem permanecer no mundo ficcional – apesar do filme contar a história verídica da professora Louanne Johnson – daqueles que podem ser representativos e aplicados na realidade educacional brasileira, e mais especificamente na dinâmica de sala de aula. Erigiu-se esta meta porque o “filme comercial”<sup>1</sup> atende a interesses diversos, e a representação que ele opera de uma dada realidade é sempre parcial, seletiva, idealizada, pois que influenciada pelos interesses nem sempre “nobres” daqueles que o produziram.

**Palavras-chave:** Prática docente. Representação fílmica. Ensino. Educação.

### 1 Introdução

*Mentes Perigosas* conta a história de Louanne Johnson, uma oficial da Marinha que abandona sua carreira militar de nove anos para realizar um antigo sonho: tornar-se professora de Inglês. Enquanto adquire suas credenciais numa escola de segundo grau do norte da Califórnia, ela é designada para ensinar um grupo de estudantes que irá mudar sua vida para sempre. E vice-versa. Para vencer a resistência de seus alunos em aprender, Ms. Johnson quebra todas as regras, cria seu

---

<sup>1</sup> Consideram-se aqui dois tipos de filme: o filme comercial – voltado para o atendimento de interesses essencialmente econômicos, sendo idealizado e produzido para captar o maior número de telespectadores (maior bilheteria = maior lucro). Neste tipo de produção a veracidade dos fatos é o que menos importa; e o filme arte/documentário – o retorno econômico é “secundário” (relativo!), sendo mais importante retratar os fatos o mais realisticamente possível (mas também é parcial, seletivo e incapaz de dar conta da complexidade do real, pois se trata de uma representação, e como toda representação, uma visão redutora e empobrecida da realidade).

próprio currículo e aceita o desafio que o grupo de jovens lhe impõe (sinopse extraída do texto de divulgação do filme).

O filme retrata a trajetória de luta, dedicação e superação de uma professora frente a uma turma composta de alunos problemáticos, que inicialmente vão dificultar o processo de ensino-aprendizagem a tal ponto que a professora pensa em desistir; mas assumindo o desafio, Louanne Johnson vai gradativamente superando as dificuldades até conseguir estabelecer um ambiente pedagógico propício à aprendizagem. E o filme retrata exatamente esse processo gradual de transformação: transformação da sala de aula, que se torna verdadeiramente um espaço voltado ao ensino-aprendizagem; transformação da relação professora-alunos, inicialmente hostil, modificando-se para uma relação de respeito e afetividade; transformação da relação entre os próprios alunos, que passam a ouvir e respeitar a opinião do outro; e mesmo transformação da vida dos indivíduos envolvidos na trama – a professora se transforma, ao vivenciar a realidade dos alunos, e os alunos também amadurecem, ao perceberem a importância do estudo em suas vidas (percepção obtida graças ao empenho e participação da professora em suas vidas, mesmo fora da escola – ao visitar os alunos em casa, no trabalho, conversar com seus pais; enfim, extrapolando os muros da escola e se fazendo presente na vida desses alunos, demonstrando se importar com os mesmos).

Louanne Johnson consegue, assim, estabelecer uma verdadeira relação pedagógica (de ensino-aprendizagem, ou se preferir, ensinagem) com seus alunos, baseada no respeito mútuo e principalmente no afeto. Mas, como será que ela conseguiu chegar a isso? Como, em uma turma hostil, cheia de alunos problemáticos e mesmo “perigosos”, Louanne Johnson conseguiu criar um ambiente tão profícuo para a ensinagem?

É objetivando responder a esse questionamento que desenvolveremos as linhas a seguir.

## **2 Louanne Johnson e as “Mentes Perigosas”: o segredo do sucesso pedagógico**

Para responder a questão anteriormente feita e explicar o porquê do êxito do fazer pedagógico de Johnson, é preciso destacar alguns pontos que vão contribuir para compreender a dificuldade inicialmente enfrentada por Louanne Johnson, bem como alguns aspectos que fazem de seu fazer pedagógico diferencial, inovador. Para melhor visualizar estes pontos, apresentamos a tabela abaixo, estruturada segundo o padrão sugerido por Moura (2007, p. 54):

**Figura 1 – Aspectos de ensinagem**

<b>ASPECTOS DA ENSINAGEM DE LOUANNE JOHNSON</b>	
<b>Formação</b>	Formada em Literatura, Relações Públicas e Marketing. Esteve na Marinha. Formação incompleta para a licenciatura: “não fez um semestre de estágio supervisionado”. Ao aceitar ensinar na Parkmont High School, Louanne Johnson ganha automaticamente a “certificação” (sem ter estagiado).
<b>Forma de Ingresso</b>	Ingresso na instituição através de vaga decorrente da desistência ou afastamento da professora anterior, assumindo como professora da academia (responsável por uma turma de alunos especiais: “passionais, energéticos, desafiadores”, segundo a definição da assistente de direção Carla Nichols).
<b>Planejamento das aulas</b>	O filme não apresenta explicitamente (formalmente) o processo de planejamento, mas indiretamente observam-se alusões à preparação da professora para as aulas. Louanne tenta, num primeiro momento, dar sequência às atividades da professora anterior (“A lição da Srta. Shepherd deve estar na mesa dela”). Um dos poucos momentos do filme onde há referência ao planejamento das aulas é quando Louanne Johnson, após o primeiro contato catastrófico com a turma, busca subsídios em livros de disciplina em sala (“Assertive discipline”) – mais ela constata que as recomendações destes livros são inaplicáveis a sua turma “especial”. Em geral, não há preocupação em demonstrar o planejamento das aulas. O filme centra-se na dinâmica em sala e no relacionamento entre os personagens principais.
<b>Metodologia</b>	Aulas expositivas, centradas na fala do professor, mas buscando estabelecer um diálogo com os alunos. E é através dessa relação dialógica, de falar e saber ouvir os alunos, chamando-lhes a atenção e estimulando a participação de todos que Louanne consegue quebrar a barreira inicialmente posta pela classe. Utilização de poesia como instrumento facilitador do processo de ensino-aprendizagem. Uso de premiações para estimular a participação dos alunos – distribuição de chocolates, passeio em parque de diversão, jantar no melhor restaurante da cidade, etc. Elaboração de concurso literário (“Concurso Dylan-Dylan”), desenvolvendo, assim, o hábito da pesquisa nos alunos.
<b>Relacionamento professor - aluno</b>	Inicialmente, o relacionamento professora-alunos era extremamente agressivo, hostil (por parte dos alunos); mas no decorrer do filme essa relação se transforma: a agressividade e desrespeito para com a professora são substituídos por uma relação de afeto e cordialidade, entremeada, é claro, por altos e baixos, momentos de interação positivos e outros nem tanto; enfim, como é típico das relações humanas. Entretanto, é notável a transformação da relação professora-alunos, radicalmente distinta da animosidade das primeiras aulas; com o passar do “semestre”, estabelece-se uma relação de respeito e, sobretudo, de carinho e afeto entre Louanne Johnson e seus “alunos especiais”.
<b>Relacionamento alunos - alunos</b>	Também inicialmente problemático, com os alunos dispensando tratamento agressivo e desrespeitoso entre si (mas não comparável à hostilidade entre os alunos e a professora). Com o passar do tempo, essa relação se transforma qualitativamente: os alunos passam a respeitar a opinião uns dos outros, e mesmo a estabelecer entre si uma relação de companheirismo e solidariedade. Ou seja, ocorrendo à mudança na relação professor-aluno, como efeito colateral muda-se também a relação aluno-aluno, pois que se cria um ambiente em sala onde não há espaço para relações hostis, agressivas (ao menos de forma permanente).

<b>Forma de Avaliação</b>	<p>Inovadora, pois que parte do pressuposto de que todos os alunos são capazes de obter o conceito máximo.</p> <p>Louanne Johnson estabelece que todos os alunos iniciariam o curso com conceito “A”, tendo apenas que mantê-lo ao longo do semestre. Com isso, a professora conseguiu um trunfo a seu favor: o comprometimento dos alunos, que vislumbrando a possibilidade de auferir o conceito máximo, realizaram as atividades propostas pela professora (claro que com alguma resistência) e participaram efetivamente das discussões em sala.</p> <p>Não se vê, ao longo do filme, a aplicação de nenhum teste ou prova convencional, o que possibilita especular que Louanne Johnson realiza uma avaliação do ensino-aprendizagem baseando-se na observação contínua do desempenho dos alunos (participação nas atividades propostas, nas discussões em sala, na realização de trabalhos, etc.).</p>
---------------------------	--

Fonte: Organizada pelos autores, segundo dados da pesquisa, 2017.

Assim, através do elenco de informações visualizadas na figura acima, percebe-se claramente os inúmeros aspectos positivos do fazer pedagógico de Louanne Johnson. É levando em conta essa complexa interação de fatores, bem como a postura interpessoal de Johnson – sempre aberta a ouvir seus alunos, se negando a seguir o receituário imposto pela Secretaria de educação, facilitadora do processo de ensino-aprendizagem, etc. – que se pode compreender o êxito de sua intervenção pedagógica. Assim, não há motivo único para explicar o sucesso de sua ação, mas sim uma conjugação de fatores que propiciaram o estabelecimento de uma dinâmica profícua em sala.

Entretanto, será que não há falhas ou problemas na prática de ensinagem de Louanne Johnson?

### **3 Mentes Perigosas ou relações pedagógicas tortas?**

É preciso destacar que a personagem Louanne Johnson, apesar do sucesso de sua intervenção pedagógica, faz uso de práticas um tanto quanto questionáveis. Em nome de um processo de ensino-aprendizagem rico, proveitoso, Johnson utiliza meios “perigosos”, que não deveriam ser empregados em uma sala de aula.

Por exemplo, ao tentar conquistar a atenção dos alunos, segue caminhos nada ortodoxos, para não dizer irresponsáveis. Na ânsia de cativar os alunos, Johnson faz uso de recursos que, sob hipótese alguma, o professor pode utilizar em sala. Um exemplo é a adoção da linguagem dos alunos. Para ser ouvida, a professora deixa de lado sua linguagem formal e se apropria do linguajar dos discentes, como pode ser observado em algumas passagens do filme.

Não somos contrários a que o professor faça uso, se aproprie mesmo, da forma de linguagem de seus alunos. O educador pode sim se expressar através do universo linguístico do aluno, o que vai tornar o seu discurso mais atraente, mais significativo. Entretanto, obedecendo a certas

restrições. Não é de bom tom a utilização de palavras vulgares em sala. O professor é uma figura que deve servir de exemplo. O ideal seria conciliar o universo vocabular do aluno com a linguagem culta expressa pelo professor.

**Figura 2 – Louanne Johnson em sala de aula**



Fonte: Disponível em: <https://cinemahistoriaeducacao.wordpress.com/cinema-e-pedagogia/mentes-perigosas/>.  
Acessado em: 04 de jul de 2017.

Louanne Johnson, ao travar o primeiro contato com os alunos, é desrespeitada e humilhada. O constrangimento sofrido pela professora é tamanho que um dos alunos – Emilio Ramirez – a intimida afirmando que: “... posso comer você”. E o que Johnson faz, qual medida corretiva ela toma? Absolutamente nenhuma! A inexperiência e o despreparo fazem com que a docente responda a tal afronta se ausentando da sala de aula. Louanne é humilhada, constrangida, impedida de desenvolver sua atividade docente e é ela quem é “expulsa” da sala de aula. Interessante caminho. Em vez de punir o aluno, chamar-lhe a atenção, encaminhá-lo a direção/coordenação, ou qualquer outra ação corretiva, a professora, com medo de tomar medidas mais enérgicas, se abstém da autoridade que lhe é inerente e deixa que os alunos a dominem. Não há docência com medo. O professor não pode se deixar subjugar pelos alunos. Ora, não há como encaminhar um processo educativo eficiente sem disciplina, sem o respeito mútuo entre as partes. Ensinar exige liberdade e **autoridade** (grifo nosso), como diria um grande educador brasileiro (Freire, 2002).

Alguns poderiam argumentar que Johnson escolheu o melhor caminho, pois não acirrou uma situação já deveras complicada. Mas o professor é, antes de tudo, um ser humano, que deve ser respeitado em sua dignidade pessoal e profissional. E como tal, não deve abrir mão de uma relação professor-aluno calcada na preservação da dignidade, do respeito entre as partes. E isso é incondicional, tanto por parte dos alunos em relação ao professor quanto do professor em relação aos alunos.



Outra ação de Louanne que encaramos como enviesada é a premiação como estímulo a participação do aluno. Distribuição de doces (chocolates) para os alunos que participam das aulas, passeio em parque de diversão, jantar em restaurante elitizado, foram algumas das premiações estipuladas pela professora aos alunos que realizassem as atividades propostas. Participe da aula que darei a vocês um passeio no parque de diversões! Façam a pesquisa proposta que os levarei ao melhor restaurante da cidade! Ora, não se deve construir uma relação de ensino-aprendizagem baseada em trocas materiais (sejam doces, passeios, ou outro tipo qualquer de premiação). O estímulo ao estudo deve ser buscado, desde o início, na importância que a educação pode ter – e realmente tem – na transformação de vidas. Johnson percebe e demonstra isso para seus alunos quando é questionada: “Qual é o prêmio que vamos receber por aprender este poema?” No que Louanne responde: “Aprender é o prêmio. Saber ler algo e entender é o prêmio. Está bem? Saber pensar é o prêmio.” Um dos alunos se coloca afirmando “Eu já sei como pensar”. E Johnson contra-argumenta: “Certo. Bem, sim, bem você também sabe correr. Mas não da forma que poderia correr se fosse treinado. Sabe, a mente é como um músculo. Certo? E se você quer que ele seja forte, tem que exercitá-lo. Certo? Cada fato novo lhe dá outra escolha. Cada ideia nova cria outro músculo, certo? E são esses músculos que o deixarão realmente forte. Eles são suas armas, e neste mundo perigoso... quero armar vocês”.

Ora, vê-se nesta fala da professora como ela encara a educação. Como sendo uma forma de se preparar, se armar para o mundo. E porque não adotar tal postura desde o início? Será que somente através da premiação ela conseguiria cativar e chamar a atenção dos alunos? E mais, isso não seria um reforço das relações capitalistas, agora explicitamente presentes na sala? Você me dá o que quero (interesse, esforço, dedicação ao estudo) que lhe darei o que deseja (doces, parque de diversão...). É a mercadorização da relação ensino-aprendizagem.

E o que falar do envolvimento pessoal de Louanne Johnson com alguns alunos. Sua ida ao restaurante com Raul (tudo bem que deveriam ir mais dois alunos, mas de fato só foram Louanne e Raul); Emilio Ramirez dormindo em sua casa... É preciso agir com bastante precaução. Um boato de assédio sexual, mesmo que infundado, pode macular uma carreira. Não deve o professor padronizar/parametrizar sua relação com os alunos levando em conta o que os outros vão pensar. É claro que não. Entretanto, é preciso certo cuidado, um zelo mínimo pela sua imagem enquanto profissional, para não vivenciar situações complicadas: boatos, cochichos, insinuações que causariam desgaste e até mesmo complicações maiores. É, não é fácil ser professor.

#### 4 Considerações Finais

Nosso objetivo inicial ao emprendermos a análise do filme *Mentes Perigosas* era perceber como o cinema representa o professor e o processo de ensino-aprendizagem. E mais que isso, nosso intuito era averiguar as práticas pedagógicas adotadas pela personagem principal, Louanne Johnson, que seriam condizentes com a realidade vivenciada pelos “professores reais”<sup>2</sup>. Ao término dessa reflexão, um espectro maquiavélico ficou a rondar nossa “mente”: os fins justificam os meios.

Todo o esforço empreendido por Louanne Johnson, suas medidas e/ou ações educativas incomuns, até mesmo questionáveis, tinham um nobre objetivo: alcançar um ensino-aprendizagem eficiente, capaz de dotar seus alunos das “armas” necessárias para enfrentar esse “perigoso mundo de fora” (como se a escola não fizesse, ela própria, parte do mundo). Para isso, vai bater de frente com o currículo padronizado, premiar os alunos, trazer a realidade existencial dos discentes para ser discutida na aula, mudar sua vestimenta para se adequar aos códigos sociais e culturais do corpo discente, dentre outras transformações objetivando, única e exclusivamente, conquistar os alunos e promover uma ensinagem significativa, rica, e até mesmo prazerosa. Ou seja, com um fim tão nobre, os meios usados para alcançá-lo não tem importância. O verdadeiramente importante é o fim, e não os meios.

Mas, os fins justificam os meios?

Sinceramente, acreditamos que não. Essa tese não é válida para a política, quanto mais para a educação. O professor não pode, em prol de uma educação de qualidade, se anular, desrespeitar sua dignidade enquanto pessoa, muito menos deixar que um aluno o faça. Não pode o docente, seja ele de qualquer nível, reproduzir, sem maiores ponderações, o linguajar vulgar (reles, ordinário) de seus alunos<sup>3</sup>, só porque isso vai aproximá-los mais. E o que pensar das premiações pela participação dos alunos nas atividades? Não se pode estabelecer uma frutífera ensinagem baseada em prêmios.

O caminho para a concretização de uma prática educacional significativa não é fácil. E na verdade não existe caminho. Mas sim caminhos, pois que cada realidade seja ao nível de escola, de ano ou até mesmo de turma, demanda uma forma de intervir específica, particular, que deve ser pensada pelo principal agente do processo educativo: o professor (e não um burocrata ou técnico

---

<sup>2</sup> É importante destacar que o filme se baseia numa história verídica. Mas, como já frisamos anteriormente, trata-se de uma representação, e como toda representação, parcial, limitada, idealizada e redutora da complexidade da realidade. Toda representação – filme, fotografia, pintura, etc. – é uma caricatura (no sentido de reprodução deformada) da realidade.

<sup>3</sup> Obviamente, estamos nos referindo ao corpo discente do filme. Não há, de nossa parte, qualquer “pré-conceito” em relação à linguagem dos alunos. O que estamos ressaltando é o obrigatório cuidado que o professor deve ter ao fazer uso do universo vocabular dos discentes, para não cair no erro cometido por Louanne Johnson.

que nunca entrou em uma sala de aula, mas que tem o poder de impor um currículo ou orientação pedagógica para todo um sistema educacional, desprezando as particularidades locais). É concretizar aquilo que já enunciava o sociólogo Florestan Fernandes (1989, p. 22-24): “devemos [...] situarmos o foco vital onde ele deverá estar: na sala de aula, nas relações entre professores e alunos e no influxo que tal situação provocará sobre a transformação da sociedade para a escola (e vice-versa)”.

Mas, ao apontar o professor como principal agente do processo educativo, não queremos com isso dizer que as outras instâncias sociais estão liberadas da função de “educar” os jovens. Nada mais inverídico. A sociedade como um todo, a família, os meios de comunicação de massa, dentre outras instituições sociais, devem também auxiliar o processo de formação/educação dos jovens. Queríamos apenas ressaltar que cabe ao professor pensar seu fazer pedagógico, sua prática profissional dentro da sala de aula, sem ter que seguir um rígido esquema pré-estabelecido para uma realidade ideal, que, infelizmente (felizmente?), não existe – o que Louanne Johnson fez de forma magistral, ao se rebelar contra um currículo imposto de cima para baixo, sem levar em conta as singularidades dos agentes envolvidos no processo (professor, alunos, realidade existencial de ambos, condições materiais e imateriais da escola, relações de poder dentro da escola, etc.).

Para concluir, destacamos que apesar da discordância com inúmeras ações desenvolvidas pela professora Louanne Johnson (que devem ficar no mundo da ficção), muitos aspectos de sua “pedagogia” podem auxiliar a prática de ensinagem dos “professores reais”. São simples atitudes, procedimentos – um olhar mais carinhoso, o respeito pela fala do aluno, a crença na potencialidade e capacidade intelectual dos discentes – que podem fazer toda a diferença na dinâmica do ensino-aprendizagem. Para nós, os fins não justificam os meios, mas a personagem Louanne Johnson nos mostra que existem meios para a concretização de uma relação professor-aluno mais rica, respeitosa, prazerosa. E que é possível, também, desenvolver uma ensinagem significativa, profícua, capaz de tornar os alunos (nas palavras de Johnson): “mais rápidos, mais fortes e mais inteligentes”, e por isso “muito mais difíceis de serem derrotados”.

## **Referências**

FERNANDES, Florestan. **O desafio educacional**. São Paulo: Cortez e Editora Autores Associados, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.



**MENTES perigosas (Dangerous Minds).** Direção: John N. Smith. Produção: Don Simpson/Jerry Bruckheimer Films, Hollywood Pictures, Via Rosa Productions. Intérpretes: Michelle Pfeiffer; George Dzundza; Courtney B. Vance; Robin Bartlett; Beatrice Winde; John Neville; Lorraine Toussaint; Renoly Santiago; Wade Dominguez; Bruklin Harris e outros. Roteiro: Ronald Bass. EUA: Disney Video, 1995. (99 min), son., color.

MOURA, Tânia Maria de Melo. **Metodologia do ensino superior:** saberes e fazeres da/para a prática docente. Maceió: EDUFAL, 2007.